
**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: A MATURIDADE PARA ESCOLHA
PROFISSIONAL ENTRE ESTUDANTES DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO.**

Jéssica Menta Lima Lorga¹

RESUMO

Esta pesquisa teve como propósito explorar o nível de maturidade de alunos do último ano do Ensino Médio da cidade de Porto Velho – RO, com o intuito de contribuir e instigar, alunos e instituições, quanto às contribuições de um processo de orientação que vise auxiliar na escolha da futura profissão, a luz da Análise do Comportamento. Foi utilizada a Escala de Maturidade Profissional (EMEP) e uma entrevista semiestruturada que buscou investigar os fatores que influenciam a tomada de decisão. Utilizou-se uma amostra total de 200 alunos, sendo 100 da escola pública e 100 da particular, de ambos os sexos, com faixa etária entre 16 e 19 anos, de duas instituições reconhecidas pelo alto índice de aprovação nos vestibulares (e ENEM) da cidade. Concluiu-se que, em geral, a maioria dos participantes apresentou maturidade satisfatória, sendo que, em um comparativo, aqueles de escola pública apresentaram escores maiores do que aqueles de escola particular. Ficou evidente que além de se preocuparem com suas aprovações, ainda terão que lidar com as incertezas do futuro profissional e das variáveis que estão interferindo na tomada de decisão, o que gera mais ansiedade nesses alunos. A base teórica deste artigo tem como inspiração os trabalhos de Cynthia Borges de Moura, explanando mais detalhadamente sua proposta de Orientação Profissional baseada nas etapas: autoconhecimento, conhecimento da realidade profissional e tomada de decisão, e de Kathia Maria Costa Neiva e seu conceito de maturidade.

Palavras-chave: Orientação Profissional. Maturidade. Análise do Comportamento.

ABSTRACT

The purpose of this research was to explore the level of maturity of high school seniors in the city of Porto Velho - RO, with the purpose of contributing and instigating students and institutions regarding the contributions of a process of orientation aimed at assisting in the the future profession, in the light of Behavior Analysis. The Professional Maturity Scale (EMEP) and a semi-structured interview were used to investigate the factors that influence decision making. A total sample of 200 students was used, of which 100 were from the public school and 100 from the private school, of both sexes, aged between 16 and 19 years, from two institutions recognized by the high degree of approval in the vestibular (and ENEM) City. It was concluded that, in general, the majority of the participants presented satisfactory maturity, being that, in a comparative, those of public school presented higher scores than those of private school. It became clear that in addition to worrying about their approvals, they will still have to deal with the uncertainties of the professional future and the variables that are interfering in decision making, which creates more anxiety in these students. The theoretical basis of this article is inspired by the works of Cynthia Borges de Moura, explaining in more detail her proposal of Professional Guidance based on the stages: self-knowledge, knowledge of professional reality and decision making, and Kathia Maria Costa Neiva and her concept of maturity.

Keywords: Professional Orientation. Maturity. Behavior Analysis.

¹ Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Instituto Luterano de Ensino Superior Porto Velho-RO

1 INTRODUÇÃO

A passagem da adolescência para o jovem adulto geralmente é marcada pelo final do Ensino Médio e início da Graduação, e Mercado de Trabalho. Nesta transição, a autonomia, determinação, conhecimento e responsabilidade do jovem devem ser instigados para capacitá-los a tomarem suas próprias decisões, sendo que a educação contribui visivelmente com esse processo.

A educação é entendida como uma instituição social, uma agência controladora, que pretende preparar o indivíduo culturalmente e criticamente para que ele lide com as demais agências controladoras (CHIPPARI; SAMELO; CAPELARI, 2011).

Skinner (*apud* HENKLAIN; CARMO, 2013) descreve que a educação tem por objetivo a transmissão da cultura. É necessário então ensinar aos jovens comportamentos que serão vantajosos no futuro, como o autocontrole, a resolução de problemas e a tomada de decisão.

O comportamento de escolha e decisão está entre as várias mudanças que o adolescente enfrenta neste estágio do desenvolvimento. A escolha de um futuro influenciada pelas mudanças físicas, psicológicas e sociais, características dessa fase, é marcada por um momento de estresse e ansiedade, mas também de autonomia e dedicação para os jovens, o que refletirá na sociedade.

Esse período de transição do adolescente requer uma atenção especial, de auxílio e incentivo que ajudem a diminuir as angústias desses jovens, prevenindo-os, o quanto possível, de futuras frustrações e escolhas mal sucedidas. A partir dessas preocupações percebe-se a importância de avaliar e contribuir com a maturidade dos jovens nesse momento de escolha, auxiliando-os em uma das decisões mais influentes de sua vida, afinal, como afirma Ivatiuk (2004, p. 17) "muitas vezes é por uma ocupação profissional que os indivíduos, principalmente os jovens, começam a se firmar socialmente, desenvolvendo ou não relacionamentos, atividades sociais e até mesmo novos estilos de vida".

Paggiaro (2011, p.14) sugere então a orientação profissional como um meio de oportunizar o amadurecimento da escolha, o desenvolvimento de suas potencialidades e a prevenção de respostas negativas à profissão escolhida. "O

mundo do trabalho está mais complexo e competitivo e exige dos jovens investimentos cada vez maiores para que sobressaiam em suas carreiras".

A relevância do presente estudo teve origem na interação da pesquisadora com adolescentes, durante a graduação, que permitiram contato com as variáveis como: as indecisões profissionais, os conflitos familiares que influenciam suas escolhas e o pouco investimento das escolas, que focalizam suas ações aos conteúdos das provas de vestibular.

Sendo assim, esta pesquisa busca explorar o nível de maturidade para a escolha da profissão de alunos do último ano do Ensino Médio da cidade de Porto Velho – RO, com o intuito de contribuir e instigar, jovens e instituições, quanto às contribuições de um processo de orientação que vise auxiliar na escolha da futura profissão, além de investigar as possíveis diferenças existentes entre aqueles de escola pública e particular.

2 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COMPORTAMENTAL

Iniciando com um breve relato histórico do contexto social, no qual a Orientação Profissional se insere, e sua evolução, Carvalho (1995) e Whitaker (1997) *apud* Moura (2011), descrevem que a oportunidade de escolher uma profissão é uma questão recente, já que por muitos séculos, o nível social e o campo ocupacional de uma pessoa eram determinados pela família a qual pertencia.

A nova realidade socioeconômica, no final do século XIX, com o processo de industrialização, permitiu o surgimento de novos ofícios, a possibilidade de escolhas e, conseqüentemente, a necessidade de orientação (NEIVA, 1995 *apud* MOURA, 2011).

Neiva (2010) relata que no início do século XX, a orientação profissional tinha uma abordagem estatística, embasada na teoria dos Traços e Fatores e na Psicometria. O indivíduo tinha um papel passivo no processo, sendo orientado sobre as profissões mais indicadas após submeter-se a uma bateria de testes.

Já na segunda metade do século XX, os métodos psicométricos tornam-se insuficientes e insatisfatórios, sendo superados pela importância e complexidade dos

fatores afetivos e sociais do comportamento do trabalhador (NEIVA, 1995 *apud* MOURA, 2011).

Em 1993, criou-se a Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP), com o objetivo de apoiar, estimular e promover ações e produções científicas que orientem profissionais e pesquisadores. Suas divulgações são feitas através de um congresso, a cada dois anos, e publicações semestrais na Revista de Orientação Profissional (ABOP), publicações estas na área de Orientação Profissional e de Carreira nos contextos de Educação, Trabalho e Saúde, associados a outras áreas do conhecimento (NEIVA, 2010).

A partir disso, a Orientação Profissional, conhecida atualmente, é um processo no qual o indivíduo se dispõe que, por intermédio de um profissional, irá auxiliá-lo na escolha de uma futura profissão. Esse processo, geralmente realizado por um profissional da Psicologia, pode ser de forma individual ou grupal. É comum entre adolescentes em situação de primeira escolha mas também para aqueles em situação de reescolha profissional ou planejamento de carreira, como descrito na dissertação de mestrado de Luiz (2008).

Embora muito focado nas profissões universitárias, Ivatiuk (2004) alerta para a necessidade de adequação da realidade a qual estamos inseridos, incentivando um processo de orientação voltado para profissões não universitárias, tais como: cabeleireira, manicure, pedreiro, auxiliar de serviços gerais, fotógrafo, jardineiro, marceneiro, dentre outros.

Em pesquisa preliminar sobre o assunto foram encontradas várias referências a respeito de Moura. Esta dedicou-se a construir um modelo de intervenção em Orientação Profissional sob o enfoque da Análise do Comportamento buscando demonstrar um instrumental teórico-prático útil a área de Orientação Profissional. Essa construção, que começou com sua Dissertação de Mestrado em 2000, deu origem a vários artigos que gradativamente foram se aprimorando.

A autora coloca como objetivos do processo de orientação:

- 1 - Analisar junto aos adolescentes as variáveis controladoras (pessoais, familiares, sociais, contextuais) implicadas na escolha de uma carreira profissional;
- 2 - Levar o adolescente a observar e discriminar as relações existentes entre escolha profissional e história de vida e, como a escolha de uma profissão está diretamente ligada as escolhas que aprendemos a fazer ao longo da vida;

3 - Desenvolver habilidades necessárias para a escolha, a partir do fortalecimento das respostas que compõem o comportamento de tomada de decisão (MOURA, 2011, p. 57).

A referida autora propõe três etapas para a condução de um programa de Orientação Profissional Comportamental. Primeiro deve-se proporcionar uma ampliação do autoconhecimento e em seguida das opções profissionais. Essas duas etapas iniciais permitem fortalecer a capacidade de análise do indivíduo afim de identificar variáveis pessoais e profissionais que auxiliarão nos critérios de escolha. Na terceira etapa objetiva-se a tomada de decisão, facilitada pela exclusão e restrição de opções e critérios de escolha.

Sintetizando, a autora desenvolveu um modelo baseado no autoconhecimento, conhecimento da profissão e tomada de decisão compondo o processo de orientação profissional comportamental que auxiliam os jovens em sua escolha e que será descrito a seguir mais detalhadamente.

2.1 PRIMEIRA ETAPA: AUTOCONHECIMENTO

Obter autoconhecimento significa entrar em contato consigo mesmo, ou seja, o indivíduo tornou-se consciente dele mesmo, de acordo com Skinner (2003). Seria então, a identificação dos repertórios comportamentais e das contingências ambientais, o que possibilitaria uma forma de prever e controlar o próprio comportamento.

Para este autor, o autoconhecimento tem origem social, pois se dá por meio de perguntas que a comunidade verbal fez a respeito dele. Complementando esta ideia, Luiz (2008, p.43) comenta:

O autoconhecimento é representado pelo comportamento verbal discriminativo quando falamos sobre nosso próprio comportamento. Respostas verbais são geradas pela comunidade que repete perguntas como “o que você disse?”, “o que você está fazendo?”, “porque você está fazendo isso?”. Dessa forma, o indivíduo passa frequentemente a observar sua ação (resposta) como um evento público e, geralmente, é capaz de relatar situações particularmente estimuladoras, contingências de reforço especial e condições de privação.

Na primeira fase de seu modelo de intervenção, Moura (2011) descreve que os orientadores devem auxiliar os adolescentes a discriminarem os fatores pessoais que podem estar interferindo em sua capacidade de analisar e decidir-se.

Sendo assim, investem-se na identificação e descrição das características pessoais, interesses e habilidades, potencialidades e limitações. Em outras palavras, "ele fará a discriminação dos reforçadores atuais que podem manter forte relação com reforçadores potenciais". (MOURA, 2011, p. 64). A autora supõe que quanto maior a probabilidade desses reforçadores estarem presentes em sua profissão, maior será a satisfação nos estudos e a segurança quanto a escolha.

2.2 SEGUNDA ETAPA: CONHECIMENTO DA REALIDADE PROFISSIONAL

Na segunda fase, Moura (2011) propõe a discriminação das variáveis profissionais (informações sobre as profissões, áreas de atuação, mercado de trabalho, cursos, etc.) buscando-se ampliar o repertório de análise das opções de escolha. A premissa aqui é que existem diversas contingências linkadas com ênfase nas áreas de atuação e as características pessoais.

Inúmeras variáveis estão envolvidas no quanto uma pessoa se sentirá bem ou não em sua profissão. Se ela for capaz de avaliar essas variáveis estabelecendo o que é necessário para viver bem, poderá assim prevenir futuras insatisfações ou frustrações. (LUIZ, 2008).

Luiz (2008, p. 23) acredita ser importante para um (futuro) profissional que,

[...]ele esteja preparado para lidar com necessidades sociais existentes e descobrir possibilidades de atuação tanto quanto ser capaz de atender demandas do mercado que caracterizam a parte mais conhecida do campo de atuação profissional.

Moura (2001) alerta que os adolescentes podem estar respondendo a agentes externos de controle, baseando-se em estereótipos ou informações superficiais e idealizadas. "Agindo dessa forma deixam de obter informações importantes e de analisá-las com base em seus critérios pessoais de escolha" (MOURA, 2011, p. 67). Os meios de comunicação, responsáveis pela rápida disseminação das informações, contribuem visivelmente com essa visão idealista e estereotipada.

2.3 TERCEIRA ETAPA: TOMADA DE DECISÃO

Ao analisar as informações pessoais e profissionais foram identificadas interesses, habilidades e informações sobre as profissões as quais puderam ser

combinadas. Sendo assim, é possível neste momento levantar alternativas para resolução do problema, neste caso o problema da escolha da profissão.

Para Moura e Silveira (2002), o objetivo da orientação profissional é a aquisição do comportamento de tomada de decisão, mais do que o conteúdo da escolha. A partir das ideias de Skinner, a autora coloca essa decisão como um processo que oferece classes de estímulos (opções profissionais) a serem consideradas.

Para aumentar a possibilidade de uma pessoa a tomar decisões é indicado que ela conheça, entenda e discrimine as contingências envolvidas no momento de escolha profissional (IVATIUK, 2004).

Sendo assim, Moura (2011, p.43) sugere "promover a tomada de decisão pela análise dos critérios de exclusão\inclusão de opções de cada adolescente e a consideração de consequências reforçadoras a médio e longo prazo". Ampliar os conhecimentos facilita essa análise e deixa o indivíduo mais preparado para solucionar suas questões.

Skinner (2003, p. 99) coloca como um meio de facilitar a tomada de decisão: a revisão dos fatos. "Ao rever um argumento, simplesmente argumentamos de novo. Sendo assim novas respostas verbais tendem a ser geradas por discussão." E é exatamente isso que deve acontecer durante o processo de orientação.

Considerando a teoria proposta, se o processo de orientação levar em consideração estas etapas, aumenta-se a probabilidade de profissionais mais satisfeitos em suas atuações, que se adaptarão às modificações da sociedade, pois aprenderão ferramentas que possibilitem discriminar seus comportamentos, analisar as variáveis que atingem seu campo profissional e levantar alternativas que facilitem suas decisões, até mesmo se esta decisão implique na mudança na profissão que já atua. O êxito deste processo dependerá, muitas vezes, da maturidade do orientando e do seu progresso.

3 MATURIDADE PARA ESCOLHA DA PROFISSÃO

A chamada maturidade para escolha profissional envolve os aspectos necessários para uma escolha responsável e satisfatória, dentro do possível, que podem ser investigadas e desenvolvidas através desse processo de orientação.

NEIVA (1999) considera que a maturidade para escolher uma profissão é uma consequência do desenvolvimento de comportamentos necessários para a efetivação da escolha, como a determinação, a responsabilidade e a independência, e da aquisição de conhecimentos relevantes para a tomada de decisão, como o autoconhecimento e o conhecimento da realidade educativa e socioprofissional.

Dividindo-se então em duas dimensões, a primeira, denominada atitudes, compreende o grau de decisão e segurança em relação à escolha profissional (determinação); a preocupação com essa escolha e o empreendimento de ações para efetivá-la (responsabilidade); e as variáveis que interferem em uma escolha independente (independência). Já a segunda dimensão, denominada conhecimento, evidencia informações acerca dos aspectos pessoais (características, interesses, habilidades, valores, etc.) e dos aspectos profissionais e escolares (mercado de trabalho, nível salarial, instituições de ensino, etc.) (NEIVA, 1999).

Faz parte do processo de orientação investigar o grau de determinação, de preocupação e de reponsabilidade quanto à tomada de decisão e quais os fatores que estão influenciando esse processo. Essa investigação pode ser iniciada analisando, a princípio, dois aspectos, que estão em interação, a personalidade do orientando e suas interações ambientais.

Para a Análise do Comportamento, a chamada personalidade refere-se a padrões comportamentais decorrentes de inúmeras e complexas interações (contingências) entre o indivíduo e seu mundo ao longo de sua história (BANACO *et al.* 2012).

Skinner (*apud* BANACO *et al.*, 2012) explica o comportamento humano a partir de três conjuntos de contingências (que também podem ser usados para explicar a personalidade) que selecionam aspectos diferenciados do repertório de cada indivíduo: a filogênese (herança genética), a ontogênese (história de vida/aprendizagem) e a cultura.

Dependendo de como foi constituído os próprios padrões comportamentais, o indivíduo terá mais facilidade ou dificuldade de tomar decisões. Se ele teve um histórico de ser bem sucedido em situações cotidianas sempre que tomava iniciativas próprias, pode ser que tenha mais facilidade e sinta-se menos preocupado diante de situações problemas, tomando para si a responsabilidade da solução.

Por outro lado, se houve um histórico de punições sempre que o indivíduo expressava sua opinião ou manifestava sua autonomia, é possível que apresente dificuldades em tomar decisões de forma independente e até mesmo tenha atitudes passivas diante de determinadas situações que outros poderão resolver por ele.

As interações mais próximas ocorrem no ambiente familiar, sendo que os jovens, muitas vezes veem a família como ponto de referência educativa, profissional, social e econômica, como descreve Weber, Mayer e Faria (2011, p. 656):

Os pais são apontados como fonte de apoio ou pressão e fonte de informação profissional, como modelos profissionais, e aqueles que promovem oportunidades para ajudar os filhos na escolha da profissão, assumir projetos de futuro e ingressar progressivamente no universo adulto. As expectativas da família e os comportamentos dos pais em relação ao trabalho interferem diretamente na decisão dos filhos.

A depender da relação estabelecida com os pais, cuidadores ou familiares próximos, suas influências podem facilitar ou dificultar a tomada de decisão desses jovens, seja em relação à profissão ou outras situações, como por exemplo sair, ou não, de casa.

Entretanto, o jovem não interage apenas com seus familiares, mas também com outras variáveis ambientais, como, os meios de comunicação, as instituições (escola, igreja, associações) a política, enfim, todo um ambiente cultural que está à sua volta.

“O homem aprende com suas interações com o mundo, muda seus comportamentos em função das modificações que produz nesse mundo” (MOREIRA; HANNA, 2012, p.12). Os indivíduos de um mesmo grupo demonstram similaridades de comportamentos que serão transmitidos de geração para geração, o que justifica dizer que o homem é um ser histórico e cultural.

A análise desses aspectos citados faz parte da etapa de autoconhecimento, descrita por Moura (2011) anteriormente, a qual é considerada por Neiva (1999) como uma contribuição à maturidade.

Associando essas variáveis pessoais com aqueles referentes à realidade das opções profissionais consideradas, pode-se facilitar a solução do problema, pois a sociedade terá um jovem com mais conhecimento de si, dos fatores relevantes para sua vida e das variáveis que o controlam, permitindo assim que ele tome atitudes e

trace seus planejamentos, de acordo com suas perspectivas, e se torne um adulto responsável, independente e maduro, o que poderá, inclusive facilitar outras situações que demandem uma postura decisiva.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O delineamento da pesquisa desenvolvida se constitui de uma pesquisa comparativa e mista, a qual Creswell (2007, p. 35) considera envolver “a obtenção tanto de informações numéricas (por exemplo, em instrumentos) como de informações de texto (por exemplo, em entrevistas)”. Ou seja, seus resultados demonstram proporções comparativas entre os alunos além de uma investigação sobre fenômenos que envolvem o processo de escolha, trazendo tanto dados numéricos (quantitativos) quanto informações colhidas nas entrevistas (qualitativa).

Utilizou-se uma amostra total de 200 alunos, sendo 100 da escola pública e 100 da particular, de ambos os sexos, com faixa etária entre 16 e 19 anos, todos da terceira série do Ensino Médio de duas instituições reconhecidas pelo alto índice de aprovação nos vestibulares (e ENEM) da cidade de Porto Velho, Rondônia.

Os instrumentos utilizados foram, a Escala de Maturidade Profissional (EMEP), desenvolvida por Neiva (1999) e uma entrevista semiestruturada.

A escala mede o nível de maturidade para escolha profissional, analisando cinco subescalas: Determinação, Responsabilidade, Independência, Autoconhecimento e Conhecimento da Realidade Educativa e Socio profissional. Seus resultados são expressos em percentis, de acordo com o manual de Neiva (1999), onde apresenta tabelas separadas conforme série escolar e tipo de escola (pública ou particular).

A entrevista buscou investigar como o estudante estava se sentindo neste momento de transição, qual ou quais as suas opções de curso(s), como se interessou por essa opção e se já teve algum contato com a área ou com profissionais, se já procurou informações e aonde, o que os familiares próximos pensam sobre essa(s) opção (ões) e quais as profissões destes.

Após a aprovação da direção da escola para realização da pesquisa foi marcado um dia para que a própria autora deste artigo conversasse com os alunos,

no horário de aula, convidando-os a participar e esclarecendo os procedimentos e a finalidade, frisando que este não seria um processo de Orientação Profissional e sim uma forma de investigar a maturidade dos alunos para escolha da profissão, além dos fatores que os influenciam. Neste mesmo dia o termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue para que aqueles com menos de 18 anos trouxessem assinado pelos pais, considerando que eles tinham liberdade para se recusarem a participar. Foi combinado a data e horário para a realização da pesquisa, sendo que a escola disponibilizou uma sala para a realização da mesma.

Primeiramente foi aplicado a Escala de Maturidade de forma coletiva. Conforme os alunos terminavam, se dirigiam para realização da entrevista individualmente. A autora teve a colaboração de outros estudantes de psicologia para realização das entrevistas, considerando a quantidade elevada de participantes.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos resultados apresentados pelo EMEP, verificou-se que, na amostra geral, 46% dos alunos apresentaram maturidade satisfatória, ou seja, na média e 12% atingiram uma classificação acima da média. Porém, 37,5% desses alunos ficaram abaixo da média em seu nível de maturidade, o que pode ser observado nas tabelas a seguir.

Tabela 1: O resultado do EMEP para a mostra da escola pública

Classificação	Determ.	Respons.	Independ.	Autocon	Conh.real.	Maturidade total
Muito inferior	1%	2%	0%	1%	0%	2%
Inferior	4%	11%	9%	9%	1%	3%
Médio inferior	4%	37%	16%	15%	9%	9%
Médio	47%	50%	47%	46%	42%	65%
Médio superior	22%	0%	15%	17%	31%	16%
Superior	20%	0%	10%	8%	16%	5%
Muito superior	2%	0%	3%	4%	1%	0%

Fonte: MENTA (2014)

Tabela 2: O resultado do EMEP para a mostra da escola particular

Classificação	Determ.	Respons.	Independ.	Autocon	Conh.real.	Maturidade total
Muito inferior	1%	2%	3%	8%	1%	5%

Inferior	20%	33%	18%	22%	14%	15%
Médio inferior	31%	21%	14%	15%	19%	41%
Médio	45%	32%	56%	51%	48%	36%
Médio superior	2%	7%	4%	2%	13%	3%
Superior	0%	4%	0%	1%	5%	0%
Muito superior	1%	1%	5%	1%	0%	0%

Fonte: MENTA (2014)

Em um comparativo entre as duas escolas, houve uma diferença significativa, pois a porcentagem de alunos da escola pública que atingiram a classificação média, ou acima da média, superou os de escola privada, demonstrando que estes alunos encontram-se com o nível de maturidade para escolha da profissão superior aos de escola particular. Tomando-se como referência a classificação média, a tabela apresenta 65% para a escola pública contra 36% da escola particular para a maturidade total. Este resultado diferencia-se daquele constatado por Neiva et. al. (2005), autora do EMEP, o qual os alunos de escola privada demonstraram classificação mais elevada em todas as subescalas e sobre a maturidade total, em comparação aos de escola pública.

A respeito das subescalas, se tomarmos como referência a classificação de médio a muito superior, os alunos de escola pública superaram os de escola particular em todas as subescalas. Entretanto a Responsabilidade, que mede o empreendimento de ações para a escolha, tomando para si a responsabilidade, é um item que chama atenção em ambas as instituições, pois 50% daqueles de escola pública e 56% daqueles da particular encontram-se classificados abaixo da média, o que na amostra total equivale a 53% dos alunos.

NEIVA (2003) demonstrou em sua pesquisa, a qual fez comparações de acordo com a série escolar, que a responsabilidade é um fator a ser estimulado em alunos da primeira e segunda série, juntamente com autoconhecimento. Nos alunos da terceira série a prioridade deveria ser o conhecimento da realidade educativa e socioprofissional.

Tabela 3: Proporção entre os decididos e indecisos.

População	Decididos	Indecisos	Sem opções	Total
Pública	59%	37%	4%	100%
Particular	56%	41%	3%	100%
Amostra total	57,5%	39%	3,5%	100%

Fonte: MENTA, 2014

A tabela 3 demonstra a proporção entre alunos de acordo com os dados colhidos nas entrevistas, a qual questionava-os se já haviam escolhido um curso ou se estavam em dúvida entre um ou mais. A tabela apresenta uma quantidade total mais elevada de alunos que já se decidiram (57,5%). Comparando-se as instituições, não houve diferenças significativas, apesar da escola pública, novamente, apresentar uma quantidade mais elevada de alunos decididos (uma diferença de 3%, apenas).

A respeito dos indecisos, a análise das entrevistas demonstrou que algumas justificativas para a incerteza da escolha do curso foram comumente manifestadas. Por ordem das mais citadas tem-se: 1) a identificação com mais de um curso; 2) a interferência dos pais, que manifestavam suas preferências ou apoiavam apenas uma das opções; 3) o receio do curso não ser o que pensavam (decepcionar-se com a escolha); 4) a concorrência; 5) a necessidade de ter que ir morar em outra cidade; 6) a dúvida entre escolher o que gosta e o que é bem remunerado.

Essas justificativas confirmam as considerações feitas anteriormente pelos autores a respeito do desenvolvimento da maturidade (NEIVA, 1999) e dos requisitos a serem trabalhos em uma orientação (MOURA, 2011). A ampliação do autoconhecimento e do conhecimento das profissões poderá amenizar a dificuldade citada de identificar-se com mais de um curso ou decepcionar com aquele escolhido. O reconhecimento das interferências familiares e o desenvolvimento da autonomia sobre seu futuro contribuiria para tomadas de decisões mais responsáveis e bem sucedidas.

Nos decididos, buscou-se identificar a relação de apoio, de familiares, quanto a opção já escolhida por esses jovens. As entrevistas identificaram que, a maior parte dos estudantes, decididos, tem o apoio de seus familiares próximos. Entretanto, o que chamou atenção neste dado, foi a quantidade de pais que dizem aos seus filhos que o apoiam, porém, demonstram uma preferência por outra opção ou uma insatisfação quanto a escolha, principalmente quanto a perspectivas financeiras.

Além disso, dentre aqueles que afirmaram que os pais apoiavam suas escolhas, independentemente, foi observado que 92,6% dos estudantes da escola particular, haviam se decidido pelas três profissões mais bem vistas, Medicina,

Direito e Engenharia Civil, segundo os próprios estudantes e os pais, devido a critérios como, boa remuneração e facilidade no mercado de trabalho. Este dado não foi tão destacado nos alunos da escola pública, pois, embora 47,2%, daqueles decididos que recebiam apoio, terem escolhido uma dessas três profissões, houve uma diversidade maior de cursos citados (Nutrição, Biomedicina, Letras, Fisioterapia, Arquitetura, etc.).

Referentes àqueles descritos na tabela 3 como “sem opções”, eram alunos que, ou se identificavam com muitos cursos, sem estabelecer uma preferência, ou, não conseguiram se identificar com nenhum curso específicos, pois tinham dificuldade de descrever seus gostos e interesses, demonstrando assim, a carência de autoconhecimento.

Rose, Bezerra e Lazarin (2012) consideram que estabelecer um repertório de autoconhecimento faz parte da psicoterapia, ou neste caso da orientação, pois o conhecimento de si permite ao sujeito analisar relações funcionais entre seu comportamento e o ambiente. Se o indivíduo não é capaz de discriminar seus comportamentos, as condições em que o comportamento surge e as consequências deste, ou seja, se ele desconhece as variáveis controladoras de seu comportamento, ele terá mais dificuldade de se identificar com alguma profissão, pois desconhece o que é reforçador ou punitivo para ele.

Ao investigar, naqueles decididos, as possíveis motivações por determinado curso, ou seja, os determinantes que os levaram a se interessarem por aquela opção, a resposta mais citada, em ambas as escolas, foi a identificação com o curso, no sentido de que eles consideravam ter as habilidades necessárias para aquelas profissões, relacionando os aspectos profissionais com seus interesses pessoais.

[...] é fundamental que a pessoa aprenda a observar seus comportamentos e o contexto em que eles ocorrem: os antecedentes e as consequências que eles produzem. Só desta maneira a pessoa pode se tornar um agente ativo de sua própria vida, utilizando o potencial de poder se comportar como instrumento de ação para a transformação do ambiente. (GUILHARDI, 2002, p.27).

Essa relação, dentro de uma orientação profissional, seria melhor investigada na segunda fase do processo desenvolvido por Moura (2011), onde os

conhecimentos da realidade profissional seriam ampliados e correlacionados com os aspectos pessoais.

Essa identificação, muitas vezes, era associada a matérias escolares as quais o aluno se interessava ou tinha mais facilidade, além da identificação com professores ou o incentivo dos mesmos.

Outra variável citada que pode contribuir com essa identificação pelo curso foi o contato de muitos desses jovens com o ambiente de trabalho da profissão pretendida, seja por que trabalharam\estagiaram na área ou por visitas nesses locais, permitindo a experiência de visualização das reais atribuições de cada profissão. Exemplos comuns encontrados nas entrevistas foram de jovens que estagiavam no Tribunal de Justiça (nível fundamental) ou a frequente convivência em hospitais e clínicas devido a problemas de saúdes deles mesmos ou de pessoas próximas.

A influência familiar, embora não tenha sido a variável mais citada, estava claramente presente nos dados coletados. Ainda se referindo aos decididos, havia uma relação entre o curso escolhido e a profissão dos familiares próximos em 18,6% daqueles de escola pública e 44% daqueles de escola particular. Essa relação se refere tanto aqueles que escolheram a mesma profissão quanto aos familiares que trabalhavam na área (embora não tivessem feito o mesmo curso) como por exemplo, área da saúde, área da construção, ramo imobiliário, etc. A admiração, incentivo e o emprego garantido foram as variáveis mais citadas.

Ao questionar como eles estão se sentindo nessa etapa de suas vidas as respostas mais comuns foram: medo, ansiedade, preocupação e nervosismo. Em ambas as escolas, essas respostas eram referentes a passar no vestibular (ou ENEM), seguido de passar na escola, em relação ao futuro, ao curso escolhido, as consequências de suas escolhas e o receio de ir morar em outra cidade.

Analisando as duas amostras percebeu-se que, em geral, há mais alunos da terceira série preocupados, ansiosos ou nervosos em relação ao vestibular, ou ENEM (31,5%), do que à escolha de sua profissão e o receio sobre o futuro (20%).

Uma diferença significativa entre as escolas foi quanto às respostas referentes à sensação de estar se sentindo pressionado, a qual reflete em três variáveis relevantes: a cobrança do próprio adolescente, a cobrança da escola e a

cobrança dos familiares. A escola particular destacou-se neste item pelo seu alto índice, 32%, de alunos que citaram o cansaço e a pressão da escola, seguidos da pressão dos pais e de si próprio. Essa pressão foi citada por 11% dos alunos da pública, sendo que nenhum destes citaram o cansaço.

Também houve àqueles que se consideraram tranquilo, bem, confiante, calmo ou normal, tanto em relação ao vestibular quanto ao futuro, mesmo aqueles que ainda estavam indecisos quanto ao curso escolhido, representando 18,5% da amostra total, em uma quantidade proporcional entre uma escola e outra (18% alunos da particular e 19% da pública).

Para a Análise do Comportamento, os sentimentos se referem a estados corporais (comportamentos) desencadeados pelo seu ambiente físico ou social. Essa interação é chamada de contingência de reforçamento a qual envolve três componentes: estímulo, resposta do indivíduo diante do estímulo e a consequência (GUILHARDI, 2002). Relacionando esta ideia com os dados das entrevistas podemos esquematizar, por exemplo, a seguinte contingência: exigência dos pais/escola, o comportamento de estudar mais e o sentimento de pressão ou ansiedade e a consequência de ser aprovado (ou reprovado).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração as sensações adversas as quais esses adolescentes estão vivenciando relativos às provas escolares e de vestibular. O ideal seria que, a preocupação com o curso a ser escolhido e as ações necessárias que auxiliassem essa escolha, como uma Orientação Profissional por exemplo, deveriam acontecer antes que o aluno iniciasse o terceiro ano do ensino médio.

Contudo, apesar dos dados terem sido satisfatórios para a maioria dos participantes, não se pode desconsiderar a quantidade de alunos que, além de se preocuparem com suas aprovações, terão que lidar com as incertezas do futuro profissional e das variáveis que estão interferindo na tomada de decisão. Os dados coletados demonstraram uma quantidade significativa de alunos com baixa maturidade e ainda indecisos quanto a escolha da profissão, o que demonstra a importância e necessidade de uma oferta de Orientação Profissional.

A demanda de um processo de orientação ficou clara durante conversa inicial para explicação da pesquisa e durante a coleta de dados das entrevistas. Muitos estudantes questionaram a diferença entre os testes vocacionais feitos pela internet e a Orientação Profissional feita por intermédio de um psicólogo, sendo que a maioria realizou testes pela internet.

Nas entrevistas, fora realizada algumas devolutivas, principalmente aos indecisos, de forma a identificar, a partir dos relatos trazidos, quais eram as variáveis que estavam interferindo no comportamento de tomada de decisão, como por exemplo, uma carência de autoconhecimento, o pouco conhecimento sobre os aspectos profissionais das profissões pretendidas, a influência de terceiros, dentre outros. Alguns foram encaminhados a uma clínica escola de psicologia para atendimento em um processo de Orientação Profissional

Entende-se que a contribuição desta pesquisa foi proporcionada a partir destas orientações, devolutivas, esclarecimentos e encaminhamentos, realizadas ainda nas coletas de dados. Também foi disponibilizado e-mail para que aqueles que tivessem interesse nos resultados das pesquisas e do teste aplicado, entrassem em contato, pois como foi realizada no final do ano letivo, não foi possível realizar uma devolutiva nas escolas.

Embora a influência dos pais não ter sido a variável mais citada pelos participantes, ficou evidente a participação destes nas decisões dos filhos, pois, por um lado há os que se interessam pelo ofício da família, e por outro há também aqueles que desconsideram seguir aquela área por que presenciam a insatisfações dos familiares quanto a profissão exercida.

A justificativa para a diferenciação entre a escola pública e a particular não foi investigada por esta pesquisa, já que seu objetivo era avaliar o nível de maturidade, ficando como sugestão de novas pesquisas para aqueles que se interessem pelo assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANACO, Roberto Alves. et al. Personalidade. IN: **Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

CHIPPARI, Mariantonia; SAMELO, Mariana Januário; CAPELARI, Angélica. Ensino da análise do comportamento e desdobramentos: a relação Professor-Aluno e variáveis que influenciam a aprendizagem. IN: **Comportamento em foco**. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2011. Disponível em: <www.abpmc.org.br/site/cfoco/cfocov1.pdf>

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GUILHARDI, Hélio José. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. IN: Comportamento Humano – **Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor**. São Paulo: ESETec Editores Associados, 2002. Disponível em: <www.itcrcampinas.com.br/pdf/helio/Autoestima_conf_respons.pdf>

HENKLAIN, Marcelo H. O.; CARMO, João dos S. **Contribuições da Análise do Comportamento à Educação**: um convite ao diálogo. Caderno de pesquisa, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000200016&script=sci_arttext>

IVATIUK, Ana Lucia. **Orientação Profissional para Profissões não Universitárias**: perspectiva da análise do comportamento. Campinas: Puc, 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=18>

LUIZ, Elaine Cristina. **Classes de comportamentos componentes da classe "Projetar a Vida Profissional" organizada em um sistema comportamental**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90921>>.

MOREIRA, Márcio Borges; HANNA, Eleníce Seixas. Bases Filosóficas e Noção de Ciência em Análise do Comportamento. IN: **Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

MOURA, Cynthia Borges de; SILVEIRA, Jocelaine Martins da. **Orientação Profissional sob enfoque da Análise do Comportamento**: avaliação de uma experiência. Campinas: Rev. Estudos de Psicologia, 2002, v. 19. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2002000100001>

MOURA, Cynthia Borges de. **Orientação Profissional sob enfoque da análise do comportamento**. 3ª ed. Campinas: Editora Alínea, 2011.

NEIVA, K. M. C. A Orientação Profissional na atualidade brasileira: cenário e desafios. **Anais do Congresso Brasileiro de Adolescência**, 2010. Disponível em: <<http://www.psi21.com.br/ojs/index.php/CBPA/article/view/10>>

NEIVA, K. M. C. Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP). São Paulo, Vetor Editora Psicopedagógica, 1999.

NEIVA, Kathia Maria Costa. A Maturidade para a Escolha Profissional: Uma Comparação entre Alunos do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2003, 4 (1/2), pp. 97-103. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v4n1-2/v4n1-2a09.pdf>

NEIVA, Kathia Maria Costa. et al. Um Estudo sobre a Maturidade para a Escolha Profissional de Alunos do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, vol. 6, núm. 1, 2005, pp. 1-14. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203016890002>>.

PAGGIARO, Patrícia Bergantin Soares. **Estresse no comportamento de escolha do adolescente: intervenção em orientação profissional**. São Paulo: Unesp, 2011.

ROSE, Cesar Coelho de; BEZERRA, Marina Souto L. ; LAZARIN, Tales. Consciência e Autoconhecimento. IN: **Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

WEBER, Lidia Natália Dobrianskyj; MAYER, Ana Paula Franco; FARIA, Rafaela Roman de. Práticas educativas parentais e suas implicações na escolha profissional dos filhos e no desenvolvimento da obesidade infantil. IN: **Comportamento em foco**. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2011. Disponível em: <www.abpmc.org.br/site/cfoco/cfocov1.pdf>.